

## Um poema de Jessica Atal

Tradução e apresentação de André Faria<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Jessica Atal nasceu em Santiago do Chile. Ela é escritora, poeta, editora e crítica literária. Estudou Literatura na Universidade do Chile. Se graduou na University of Utah (Salt Lake City, Estados Unidos) em 1988, com o título de Bachelor of Arts in Spanish. Escreveu para o diário El Mercurio desde 1988 até 2015. Em 2004 recebeu o Prêmio Edward Said, outorgado pela Fundação Palestina Belém 2000. Sua obra foi traduzida para diversos idiomas e foi publicada em antologias, diários e revistas, tanto no Chile como no exterior. Atualmente trabalha como editora independente, colabora com o diário cultural La Panera e realiza oficinas literárias. Para a autora, a poesia habita o corpo, pode viver em uma pele rasgada e oprimida, pode ser uma voz que grita “basta” ou que clama por “justiça”. A poesia de Jessica Atal é visceral, carrega um grito por liberdade com a mesma intensidade que protesta contra a violência sofrida pelas mulheres chilenas. Sua escrita pulsa em suas veias cheias de sangue de mulheres vítimas do feminicídio em seu país. Sua obra se tornou um símbolo revolucionário contra à opressão e a violência ao corpo feminino no Chile. Seus poemas denunciam a violação contra a mulher, apontam para corpos doentes e para desejos interrompidos por uma realidade brutal que ceifa centenas de vidas femininas todos os anos, além de servir como um grito que ecoa por liberdade, justiça e menos opressão contra as mulheres. Nas linhas e entrelinhas dos escritos de Jessica Atal encontramos mais que um texto poético carregado de melodramas; sua caneta clama pelo direito de a mulher existir como sujeito em lugar de objeto do desejo, do ódio e da possessão masculina. Ao nos atermos com mais profundidade à sua poesia não precisamos muito para sentirmos seus versos rasgarem nosso peito com a mesma força que se dilaceram corpos, sonhos e vidas femininas. Em *Suicidio*, o poema aqui apresentado, a autora discorre justamente sobre toda essa violência; estruturada e naturalizada pelo machismo patriarcal desde sempre. Seu poema também retrata o amor ante aos últimos suspiros de vida de uma mulher. *Suicídio*, parece não tratar do amor romântico, mas do amor próprio, sentimento que desperta o ódio masculino e leva muitas mulheres ao suicídio. O poema “Suicidio” faz parte do seu último livro: *Teoría de una práctica amorosa*, escrito no ano de 2020.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes. E-mail: dedefaria1@hotmail.com.

eu não sei  
quando vou começar  
a cortar minhas veias  
quando a vida começará  
a ser mais impossível

tudo se escorre/sem fronteira  
até se perder/entre linhas  
ofuscados paradigmas

larvas famintas se inquietam  
no inconsciente  
e é somente tua morte  
a que exigirá teu nome  
se sempre chegas tarde  
sistematicamente

não, aos demais/  
não os identificam

e se fosse agora e já  
y se fossem as mortes  
mais de uma

aos vinte anos  
escrevia Enrique Lihn  
que nada/ nada se escorria  
mas agora  
em tempos urgentes y acometido  
de ensaios e erros narrativos  
quando as pedras se

incendeiam e se queimam  
quando a carne se  
desvirtua/ se posterga  
quando as montanhas  
são de espuma  
tudo/tudo se escorre  
como beijos na nuca  
e promessas sem convencimento

tentativas de dizer algo  
desligam-se  
dos lábios

não sei se alguma vez pensei  
que um amor duraria para sempre  
mas sim pensei muitas vezes  
na morte por amor

aos vinte anos  
não soube decifrar  
paixões nem fúrias  
estados patológicos  
sangues no rosto  
não soube reter o ventre  
entre as mãos

talvez foram os ventos contraídos  
simplesmente o engano  
as ruínas da podridão  
e do tédio

vamos

tens uma voz bonita  
eres capaz de qualquer coisa  
acender uma aldeia de barulhos  
inventar pronomes de agonias  
você foi tão lindo/quando jovem

e que faço então  
destruí-lo todo  
me diz agora  
desde a tua despojada ausência  
e suas malditas consequências  
sobre mim

me parece que todos  
estamos muito perto  
do abismo  
esse que dizem  
ser  
a vida real

essa vida  
é  
a forma  
mais real  
do meu suicídio

## **Suicídio**

Jessica Atal

yo no sé  
cuándo voy a empezar

a cortarme las venas  
cuándo comenzará la vida  
a ser más imposible

todo se escurre/sin fronteras  
hasta perderse/entre líneas  
ofuscados paradigmas

se inquietan famélicos gusanos  
en el inconsciente  
y es solo tu muerte  
la que exigirá tu nombre  
si llegas tarde siempre  
sistemáticamente

no, a los demás/  
no los identifican

y si fuera ahora y ya  
y si fueran las muertes  
más de una

a los veinte años  
escribía Enrique Lihn  
que nada/nada se escurría  
pero ahora  
en tiempos urgentes y agredidos  
de ensayos y errores narrativos  
cuando las piedras se  
incendian y se queman  
cuando la carne se  
desvirtúa/se posterga  
cuando las montañas  
son de espuma

todo/todo se escurre  
como besos en la nuca  
y promesas sin convencimiento

intentos de decir algo  
cuelgan flojos  
de los labios  
no sé si alguna vez pensé  
que un amor duraría para siempre  
pero sí pensé muchas veces  
en la muerte por amor

a los veinte años  
no supe descifrar  
pasiones ni furias  
estados patológicos  
sangres en el rostro  
no supe retener el vientre  
entre las manos

quizás fueron los vientos contraídos  
el engaño simplemente  
las ruinas del pudridero  
y del hastío

dale  
tienes una voz bonita  
eres capaz de cualquier cosa  
encender una aldea de ruidos  
inventar pronombres de agonías  
fuiste tan guapo/cuando joven

y qué hice entonces  
destruirlo todo

me dices ahora  
desde tu despojada ausencia  
y sus malditas consecuencias  
sobre mí

me parece que todos  
estamos muy cerca  
del abismo  
ese que dicen  
es  
la vida real

esa vida  
es  
la forma  
más real  
de mi suicidio

## **REFERÊNCIA**

ATAL, Jessica. *Teoria de uma prática amorosa*. Santiago: Ediciones Bonnefont, 2020, p. 23.